

## COTEJO DO DISCURSO TRÁGICO: O CORDEL PEQUENA HISTÓRIA DO CALDEIRÃO À GUISA DO ROMANCE POPULAR E O ROMANCE CALDEIRÃO

Ana Cláudia Veras Santos (UFC)

Resumo: Neste trabalho propomos a análise literária entre a poética do cordel *Pequena história do Caldeirão à guisa do romance popular*, de Artur P. Alves e o enredo do romance *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar. A partir do cotejo das referidas obras damos primazia ao discurso que se apresenta como trágico, quando o herói da narrativa vai da ventura ao infortúnio. Para isso, seguimos os pressupostos de Aristóteles (1992) e Vernant (2005). Outro aspecto que nos interessa é conferir se o conceito de Compagnon (1999) acerca do *efeito de real* é realizado entre as duas produções, com vistas a certificarmos se houve influência de uma literatura sobre a outra. Uma vez que Alves afirma na capa do seu cordel que sua obra foi inspirada no romance de Aguiar.

Palavras-chave: Poética. Cordel. Caldeirão. Discurso trágico.

*O poeta faz simulacros com simulacros. (Platão).*

O cordel *Pequena história do Caldeirão à guisa do romance popular* faz parte de um *corpus* composto por quatro folhetos pertencentes à geração de poetas cordelistas de 1980. A totalidade que inclui esta catalogação é constituída de 48 cordéis, dos quais 32 referem-se a Canudos e 16 ao Caldeirão<sup>1</sup>. De modo que este apanhado pode ser considerado relevante, pois de acordo com trabalho realizado por Kunz (2011) acerca desta problemática, usando como fonte o *Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada* (ALVES e SOBRINHO, 1978), havia até então três folhetos aludindo a Canudos e apenas dois ao Caldeirão.

A expressão “geração de poetas de 1980” foi assim denominada pelas afinidades observadas nas narrativas desses cordéis feitos entre os anos de 1979 e 1992<sup>2</sup>. Na escrita da poética desses cordelistas observamos que se processou uma mudança de paradigma na forma da concepção dos argumentos. Todos os poetas

<sup>1</sup> Catalogamos cordéis sobre os dois fenômenos pelas semelhanças que possuem, além da possibilidade de um folheto ou autor indicar algum título a mais sobre o Caldeirão.

<sup>2</sup> Dados analisados em trabalho dissertativo que podem ser conferidos em SANTOS (2014)

legitimaram as versões dos seus cordéis a partir de trabalhos de outros autores, causando entre essas narrativas o que Compagnon (1999) chamou de *feito de real*.

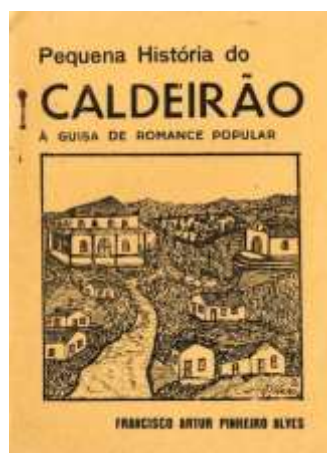
Desse modo ao analisarmos os discursos desses poetas notamos também que eles não só buscaram a verossimilhança, mas também “imitar” o ponto de vista do outro (ARISTÓTELES, 2005), que possui a chamada “assinatura de prestígio” (BOURDIEU, 1996).

Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. (ARISTÓTELES, *Poética*, 1992, p. 53).

É importante sinalizarmos que as fontes de consultas dos cordelistas dessa geração provêm de narrativas cujos autores representam uma cultura erudita, distante, muitas vezes, do universo do cordelista popular de tradição, pois as referências desse poeta popular que antecede a geração da qual nos referimos eram a própria experiência e/ou o ouvir falar.

Outro fator de distinção na escrita desses cordéis é a própria formação dos poetas que não são mais homens do povo, de pouca ou nenhuma instrução, mas sim acadêmicos, historiadores, professores ou funcionários públicos. Certamente esse fator é crucial na composição dos cordéis dessa geração.

Seguindo esta perspectiva, o cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular* é um folheto que mescla sextilhas e septilhas em trinta e duas estrofes<sup>3</sup>. A capa é ilustrada por Antonio Ribeiro, com o desenho de uma pequena cidade, bem organizada, com habitações dispostas próximas a uma casa grande, uma capela, um cruzeiro, com ruas coligando esses elementos e um cemitério em um plano mais recuado.



<sup>3</sup> Sextilhas são estrofes formadas por seis versos cada, enquanto as septilhas têm sete versos em sua composição.

Figura 1 – Acervo: Martine Kunz

O desenho feito em analogia à comunidade liderada por José Lourenço remete o leitor a um lugar bem sucedido do ponto de vista da estrutura e do planejamento, longe de assemelhar-se a uma “cidadela-mundéu”, segundo definição do arraial de Canudos pelo olhar de Euclides da Cunha (1993)<sup>4</sup>. Pelo contrário, o que se destaca na capa desse cordel é um conjunto arquitetônico harmonioso, resguardando a simplicidade do local e dos seus moradores.

Tal adendo se faz pertinente à medida que a aproximação entre as duas comunidades teria sido um dos argumentos para a dispersão dos trabalhadores do Caldeirão e conseqüentemente sua destruição. Contudo havia semelhanças entre ambas, mas com diferenças, principalmente, do ponto de vista das “intenções bélicas<sup>5</sup>”, o que poderia vir a desmistificar os argumentos que conduziram ao fim do Caldeirão. Porém, os motivos foram além desse, conforme os poetas e historiadores narram.

O cordel de Alves segue a influência do romance *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar, cuja narrativa é feita a partir de uma conversa entre um jornalista da capital cearense e um seguidor de José Lourenço, Mestre Bernardino, durante o velório e sepultamento do beato em 1946. O romance se desenvolve neste plano, seguindo o desabafo e o lamento de Bernardino, que ao responder a pergunta do cidadão sobre quem era o morto e o que foi o Caldeirão, alude desde a juventude do beato, a chegada a Juazeiro, o encontro com o Padre Cícero, a formação da comunidade da Santa Cruz do Deserto, seu *modus vivendi*, a igualdade e a fraternidade, com destaques para a destruição do Caldeirão, a perseguição dos romeiros e finalmente a morte de Lourenço.

Diferentemente de Aguiar, Alves dá primazia aos anos vividos nas terras do Caldeirão, deixando de lado os acontecimentos anteriores. Contudo, sua narrativa cria laços de semelhança com o romance ao seguir as mesmas perspectivas históricas

---

<sup>4</sup> Cunha durante a narração de *Os sertões* dá a medida de suas impressões de Canudos com asco, horror e o espanto característico de uma visão etnocêntrica ao primeiro instante. Para ele Canudos era o oposto do ideal de civilização, e a cidade simbolizava o atraso que reinava entre os “jagunços” e “fanáticos” que ali habitavam.

<sup>5</sup> Em Canudos havia uma espécie de guarda armada. No Caldeirão, segundo os depoimentos dados a Holanda e Cariry (2007), a única arma era uma espingarda de caça do José Lourenço e os utensílios de trabalho dos moradores, foices, enxadas etc.

contadas por Aguiar sobre os fatos sucedidos já nas terras do Caldeirão. Ambas narrativas são enfáticas quanto ao estilo de vida, a caridade instituída, a organização da comunidade, a liderança do beato e o drama que passaram a viver especialmente após a morte do Padre Cícero em 1934. Certamente Alves faz uma espécie de releitura do romance, transformando em versos a óptica do narrador-personagem Bernardino, escolhido por Aguiar para dar vida a sua versão do Caldeirão.

O poeta é imitador, como o pintor ou qualquer outro imaginário; por isso sua imitação incidirá num destes três objetos: coisas quais eram ou quais são, quais os outros dizem que são ou quais parecem, ou quais deveriam ser. (ARISTÓTELES, *Poética*, 1992, p.133).

Destarte, o folheto feito semelhante ao modelo tradicional de cordel, com oito páginas e quatro capas, se dedica integralmente à história do Caldeirão propriamente, ou seja, narra os anos em que o beato José Lourenço liderou a comunidade, entre 1926 e 1936, aproximadamente. De modo que ficam de fora da representação do poeta, os episódios anteriores à ida para o Sítio Caldeirão, como dito anteriormente, como o caso do boi Mansinho, a prisão de José Lourenço, a guerra de 14 e a venda do Baixa Dantas, que foram detalhadamente narrados no romance de Aguiar. Por sua vez, Alves faz da *Pequena história do Caldeirão* um elogio à experiência agrária comunitária organizada nessa localidade. Igualmente se comporta sua fonte, uma vez que Aguiar em seu romance colabora para desmistificar o tabu em torno do Caldeirão, através da voz de Bernardino traz à tona a importância da comunidade e a liderança de Lourenço para centenas de trabalhadores excluídos das medidas governamentais.

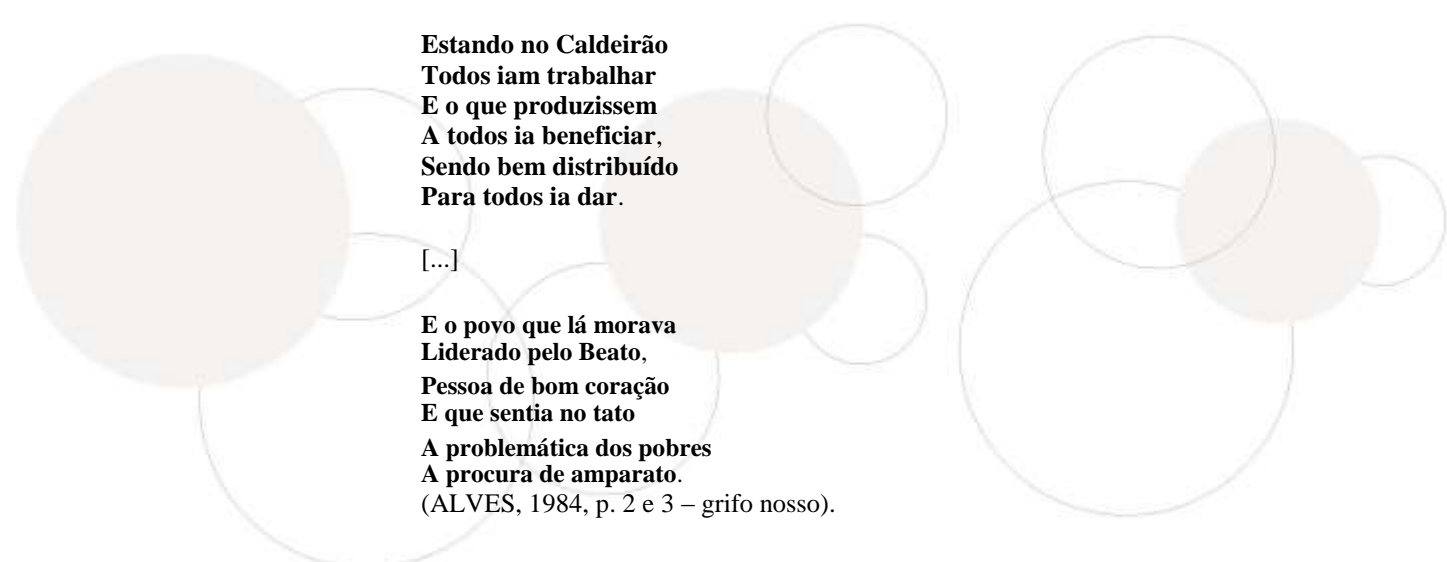
O relato de Alves é breve, se o compararmos a alguns cordéis que renderam ao beato Lourenço e ao Caldeirão, dezesseis, vinte, trinta e duas páginas, por exemplo.

Por outro lado, Alves ao longo de sua narrativa elabora um discurso trágico, com início, meio e fim bem marcados. O poeta dá a medida da situação, usando expressões que ilustram o drama vivido no Caldeirão naquele tempo. Sua linguagem cortante em forma de versos oferece ao leitor e/ou ouvinte a versão que ele escolhe defender sobre a história do Caldeirão, uma vez que está sob influência de outra narrativa. Logo teríamos nesse cordel a história do Caldeirão cujo domínio do discurso seria o ponto de vista de Claudio Águar filtrado pelo olhar do cordelista.



Leitores prestem atenção  
**A história que vou contar,  
É uma história muito triste**  
Que aconteceu no Ceará  
Nos idos dos anos trinta  
**Faz vergonha até lembrar.**  
(ALVES, 1984, p.1).

Após introdução, em que o poeta expõe a ida de José Lourenço para o Caldeirão e as críticas ao sistema de exploração ao qual trabalhadores eram submetidos naquela época, passa a relatar as benfeitorias e mudanças na vida dessas pessoas:



**Estando no Caldeirão  
Todos iam trabalhar  
E o que produzissem  
A todos ia beneficiar,  
Sendo bem distribuído  
Para todos ia dar.**

[...]

**E o povo que lá morava  
Liderado pelo Beato,  
Pessoa de bom coração  
E que sentia no tato  
A problemática dos pobres  
A procura de amparato.**  
(ALVES, 1984, p. 2 e 3 – grifo nosso).

Vejamos como se dá a apresentação das terras do Caldeirão pelo romance de Aguiar:

O lugar era bonito, uma várzea ampla, com muito verde e água em demasia escorrendo das fontes da serra. Este arame, destinado à cria e recria do gado, no entanto, precisava de maiores cuidados para o cultivo de bens e comedoria. (Aguiar, 2000, p. 68).

Um dos diferenciais da representação feita através de recorte do romance de Claudio Aguiar é o destaque que o poeta dá à organização funcional no desempenho das atividades praticadas na comunidade e o planejamento da estrutura desde o material ao espiritual. José Lourenço aparece como centro da ação, é em torno dele que toda a comunidade se organizava, sua palavra era lei, assim como sua conduta era imitada pelos habitantes do Caldeirão.

Se meu padrinho Cícero recebia alguma família desapossada de tudo, mas cheia de disposição para o trabalho, mandava para lá. E não só as que ele mandava, mas as que chegavam por outros caminhos embriagados pela fama do nosso sítio, construído na base do adjutório, cada um querendo o bem comum de todos. Nada de ninguém, tudo de todos, era a nossa lei, a nossa regra. (Aguiar, 2000, p. 91).

Nos versos que seguem podemos observar a identificação entre as duas narrativas, partindo dos frutos positivos das ações do líder como conferimos anteriormente e mais à frente a reviravolta:

Tamanha organização  
No Caldeirão existia  
Não importava a profissão  
Nem o tamanho da família  
**A cada um era dado  
O que era necessitado  
Com amor e alegria.**

O que lá não havia Era  
fome e precisão  
Produziam a rapadura,  
Arroz, milho e feijão.  
Além de aplicadas rendeiras  
A fazerem seu rendão.  
(ALVES, 1984, p.4).

Seguindo a perspectiva de Vernant (2005), poderíamos pensar neste discurso como trágico, pela situação retratada, pela escolha de ver-se em um contexto de conflito, cujo pilar era o beato José Lourenço e as angústias de liderar uma comunidade vista em primeiro plano como indesejada pelo restante da sociedade e por ela rechaçada em um segundo momento.

O beato aparece na narrativa como uma espécie de alvo. Do lado dos caldeirenses é o líder, o herói, o modelo a ser mirado, já do outro lado da sociedade cearense é na imagem do beato que se compila toda a postura indesejada, a política do atraso, ele simboliza a fome, a pobreza, visto que seus seguidores são os desvalidos. Logo, os discursos permeiam entre esses dois estados de valor. Lourenço possui ainda a ambiguidade do homem que vive no limite, está na mira dos poderosos, contudo não se revolta e caminha ao lado dos pobres, dos marginalizados, sem insuflá-los contra sua sina, pelo contrário, ele contribui para que ambos os lados convivam “harmoniosamente”. Daí se constrói uma dialética paradoxal e difícil de ser mantida.

A tragédia (...) toma como objeto o homem que em si próprio, vive esse debate, que é coagido a fazer a escolha definitiva, a orientar sua ação num universo de valores ambíguos onde jamais algo é estável e unívoco. (VERNANT, 2005, p. 3).

Outro aspecto comum às narrativas de cordel referentes ao Caldeirão, após romperem com o silêncio de trinta anos é que José Lourenço promovia melhorias na vida daquela gente, especialmente, no período da seca, que o diferenciava dos responsáveis “legítimos”, o que finalmente repercutiu negativamente contra o beato. Nos versos que seguem, o poeta aponta a mudança na sorte dos caldeirenses, podemos sugerir que há também a presença dos conceitos de “reconhecimento”, “peripécia” e “catástrofe”, aos quais Aristóteles (1992) se refere na *Poética*.

**Com a vassalagem abalada  
Pelo exemplo do Caldeirão,  
Começaram a inventar  
Histórias sem proporção,  
Diziam que o Beato  
Tinha no seu amparato  
Regime de escravidão.**

**Espalharam no sertão  
As calúnias e maldades,  
A ponto de incentivarem  
Até as autoridades,  
E passaram a colocar  
Pessoas pra observar  
A todas as atividades.**

[...]

Foi enviada pra lá  
Uma Patrulha da Milícia  
Que tinha como ordem  
A mais terrível malícia  
De prender e expulsar  
O povo que tinha lá  
Sob as garras da Polícia.

E o ato de injustiça  
Foi posto em execução  
O Beato Zé Lourenço  
A pedido do povão  
Se refugiou na Serra  
Evitando sua prisão.

[...]

O Caldeirão triste estava

Com aquela violência  
Casas pegando fogo  
Na ação da diligência  
Que tirava para si  
O melhor que havia ali  
Sem a menor consciência.  
(ALVES, 1984, p.5 e 6 - grifo nosso).

A sugestão de que há nos versos acima a presença do “reconhecimento” e da “peripécia” se justifica no discurso do poeta que alude à mudança processada no comportamento da sociedade em relação aos caldeirenses, à perseguição que a comunidade passou a sofrer após o reconhecimento de que ela se mantinha independente do governo e dos senhores de terra, além desses se darem conta de que perdiam mão de obra barata para o Caldeirão e para a distribuição igualitária de rendas que ali fora desenvolvida.

Antes desse estado de coisas, o Caldeirão não era visto como ameaça ao Estado, mas sim como ajuntamento de pobres que serviam como braços nas roças dos “coronéis” da região.

O “Reconhecimento”, como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou para a desdita. (ARISTÓTELES, *Poética*, 1992, p.61).

Poderíamos dizer que o “reconhecimento” se deu através da sociedade em relação a José Lourenço e à comunidade por ele liderada. Se antes eles representavam a o lado fraco da força, com o passar do tempo, a partir de suas ações e trabalho comunitário, juntos fortaleceram-se ao ponto de assustar os “estabelecidamente fortes”. Nesse caso a mudança não foi concebida em acordo com a sociedade.

Com o lema “**Nós não cansa  
De trabalhar neste chão**”,  
Arranjaram um terreno  
Pra fazer uma plantação  
Que lhes deu no fim do ano  
Uma boa produção.

E os invejosos, como são  
Estavam ainda contentes,  
Arranjaram uma Esquadra  
Guiada por um tenente,  
E subiram a chapada



Mas antes de sua chegada  
Foram barrados pela gente.

Pois o povo tinha em  
mente O massacre já  
sofrido, Tratou de defender  
Por mal não ter cometido

**Houve uma grande batalha  
De foice, machado e navalha  
E muitos foram abatidos.**

(ALVES, 1984, p. 7 - 8 - grifo nosso).

Notamos acerca desse último aspecto que o cordel retrata a luta na chapada como travada com ciência pela parte dos caldeirenses, que, vitimados nas terras do Caldeirão anteriormente, durante novo ataque se defenderiam da maneira que fosse possível.

Alves finaliza sua narrativa sobre o episódio do Caldeirão aludindo ao bombardeio aéreo, da mesma forma que fizeram Lima (1979) e a geração de cordelistas da década de 1980, catalogada em nosso *corpus* sobre o fenômeno, assim como fez também Aguiar, fonte que o influenciou.

Com o fato acontecido  
Pois a Polícia perdeu,  
Tratou-se de planejar  
Uma ofensiva que deu  
Numa varrida de bombas  
Sobre os filhos de Deus.

**O povo recebeu  
O bombardeio de avião  
Num plano diabólico,  
De homens sem coração  
Era uma gente inocente  
Não merecia tal maldição.**

Diante da condenação  
Imposta pelo mal  
A serra do Araripe  
Virou palco teatral  
Do maior genocídio  
Ocorrido no local.  
(ALVES, 1984, p. 8 - grifo nosso).

O cordel de Francisco Artur Pinheiro Alves inspirado na obra de Cláudio Aguiar, supera o descritivo e caminha para os olhos e ouvidos do leitor e/ou ouvinte curioso sobre a história do Caldeirão, retratando-a com a verossimilhança compartilhada

pelos poetas cordelistas da sua geração. Desse modo, temos uma narrativa condizente com as reflexões de Vernant, quando diz que “o poeta deve proporcionar pela imitação o prazer advindo da pena e do temor.” (2005, p. 33).

Esses fatores aqui reunidos buscam comprovar o que dissemos no início de nossa análise. Alves, assim como outros cordelistas da geração de 1980, está num patamar que o diferencia de poetas que o antecede, não apenas pela escolaridade, mais também porque afirma que sua representação foi inspirada em outras fontes literárias, o que ocasiona uma mudança de paradigma na forma criativa da literatura de cordel. Dessa forma, poderíamos aludir que o cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular* se constitui como uma tragédia de imitação, segundo o modelo exposto na *Poética* de Aristóteles (1992).

Faço ainda a seguinte ressalva, esse cordel, assim como os demais pertencentes ao *corpus* em análise, que constitui a geração de 1980, tem a peculiaridade de ser escrito a partir da influência de outros trabalhos, conforme já salientamos no decorrer deste texto, no entanto é importante que se diga ainda que a presença da influência se faz pertinente pela forma como o poeta conduziu sua narrativa, com a escolha dos argumentos, elegendo determinadas situações para desenvolver, como o episódio da seca de 1932, os bombardeios aéreos, a luta desigual e a expugnação dos caldeirenses seriam alguns dos exemplos que essa geração toma para si e narra à luz de outros textos.

#### BIBLIOGRAFIA:

AGUIAR, Cláudio. **Caldeirão**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular**. Fortaleza: edição do autor, 1984.

\_\_\_\_\_. s/d. Disponível em: <  
<http://www.movmarina.com.br/profile/FRANCISCOARTURPINHEIROALVES>>.  
Acesso em: 04/04/2012.

ALMEIDA, Átila A. F. de & ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

ARISTÓTELES. **Poética/Aristóteles**; tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.

\_\_\_\_\_. **A poética clássica/Aristóteles, Horácio e Longino**; introdução por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. 2. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

LIMA, Geraldo Oliveira. **Caldeirão**. Crateús: [s.n.], dez/1979.

PLATÃO. **A República./Platão**. Trad. Eleazar Magalhães. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SANTOS, Ana Cláudia Veras. **As representações do Caldeirão do beato José Lourenço na Literatura de Cordel**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. O momento histórico da Tragédia na Grécia: algumas condições sociais e psicológicas. In: VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2005.